

VIVER E MORRER: UM EMBATE ENTRE O EGO E O SUPEREGO.

*Aparecida Malandrini Andriatte e
Leda Gomes*

Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO: Trata de uma reflexão sobre o papel do ego e do superego em decisões nas quais a opção entre viver e morrer é premente. Para tanto, lança-se mão da revisão do conceito de superego de Bion. Este “superego se opõe a todo desenvolvimento em bases científicas e se rege por uma moralidade, por normas e valores próprios que são firmados a partir de uma superioridade destrutiva” (Zimerman, 1995:65). Foram analisados, sob o vértice psicanalítico, três personagens históricos, em seus momentos cruciais de decisão e correlacionados com um caso clínico em que se manifesta uma luta entre a preservação da vida, função primordial do ego, e a preservação de valores morais e éticos, prerrogativa do superego. Foram apresentados os julgamentos do filósofo Sócrates, do cientista Galileu Galilei e do fazendeiro John Proctor, personagem da peça *As Bruxas de Salem*. Concluiu-se que dependendo do vértice escolhido pode-se reforçar atitudes superegóicas destrutivas com aparente consideração à verdade, ou fortalecer atitudes egóicas que resultem em respeito e melhora nas condições de vida.

Palavras-chaves: Psicanálise; Psicoterapia; Análise Literária.

LIVING AND DYING: AN APPOSITION BETEWEEN THE EGO AND SUPEREGO.

ABSTRACT: It's a reflexion about the ego and superego role in decisions while the option between living and dying is urgent. Three historical characters will be analyzed by the psychoanalytical vertex in their cruciate moments of decision and correlated with a clinical case which reveals a fight between life preservation, ego's primordial function and the preservation of moral and ethical values superego's privilege. In order to do that three historical characters trial will be presented, such as: the philosopher Sócrates, the scientist Galileu Galilei and the farmer John Proctor, characters from “*The Crucible*”. We conclude that depending of the chosen vertex to reflect about the decisions, we can have a superegoic nature more idealized and cruel or an ego more flexible and vital.

Keywords: Psychoanalysis; Psychotherapy; Literary Analysis.

Cabem algumas advertências quanto ao entendimento deste artigo.

A primeira refere-se ao fato de que não se pretende aqui fazer uma análise quanto ao “valor” das escolhas, apenas deseja-se ilustrar se as mesmas são escolhas egóicas ou superegóicas.

Os personagens escolhidos e, portanto, suas decisões, são apresentados aqui como ilustração do pensamento das autoras, sendo que foram analisados os que no momento pareciam mais adequados, ou seja, outros autores talvez preferissem discutir outros personagens, seja por simpatia pessoal, ou preferência teórica.

A seleção norteou-se exclusivamente pelo fato de que as decisões dos personagens demonstram em grande escala e, naturalmente, em outros momentos históricos, que as escolhas com que todos se deparam diariamente, em suas vidas e na prática clínica, seja individual ou institucional, podem ser de grande valor para o desenvolvimento ou a estagnação dos indivíduos.

Portanto, identificar e reconhecer as escolhas, não estabelecendo juízo de valor, parece útil para a compreensão da dinâmica dos pacientes.

Zimmerman (1999) sintetiza a compreensão bioniana sobre o superego do seguinte modo: os princípios essenciais sobre o superego descritos por Freud e Klein se mantêm, porém a distinção que faz da função superegóica como sendo um aspecto da “parte psicótica da personalidade”, que vai além das proibições e das noções de certo e errado, do bem e do mal, inerentes ao conceito clássico de superego. Essa concepção de Bion, segundo Zimmerman (1999), consiste em uma “forma psicótica de pensar”, a qual se opõe a todo desenvolvimento em bases científicas e às leis inevitáveis da natureza humana, e, assim, este “super-ego” rege-se por uma moralidade “sem moral”.

Para Bion (1962 em Zimmerman, 1999), o rigor superegóico se transforma em superioridade que ofusca as funções egóicas. Manifesta-se denegrindo as

pessoas, criticando opiniões divergentes às suas, opondo-se ao aprendizado com ódio à verdade que não seja coincidente com a sua, e nessa medida contribui para impedir a evolução psíquica.

Este tipo de superego manifestando-se individualmente ou coletivamente, crê que tudo sabe e tudo pode, controlando e condenando, “substitui a capacidade de pensar pela onipotência, o aprendizado pela experiência cede lugar à onisciência, o reconhecimento da fragilidade e dependência é substituído pela prepotência, a capacidade de discriminação entre o verdadeiro e o falso fica borrada por um radicalismo arrogante.” (Zimerman, 1999 : 136).

Nos casos descritos a seguir há clara indicação de que o superego coletivo apresente tais características.

Sócrates.

Sócrates é o precursor dos casos analisados por se situar, em termos cronológicos, no período da antiguidade, tendo vivido entre 470 a.C. e 399 a. C.

De acordo com Strathern (1998) Sócrates conduzia debates filosóficos pelas ruas de Atenas em meio a camelôs e vendedores de amendoim. Tinha um método de questionamento profundo e era bastante destrutivo diante da burrice alheia. Frequentemente era capaz de fazer o adversário tornar-se ridículo. Estas ações podem ser entendidas como manifestações narcísicas, e de um superego tal como o descreve Bion (1962 em Zimerman, 1999) como sendo regido por uma moralidade sem moral, criada e fortalecida pelo sujeito para ser imposta aos demais. Assim, busca reger o mundo com valores próprios firmados a partir de sua superioridade destrutiva.

Este aspecto narcísico também remete ao conceito de Ego Ideal, a subestrutura do Superego que vem diretamente do narcisismo original, obrigando

o sujeito a corresponder na vida real aos desejos originários de seus próprios ideais, em geral repletos de ilusões narcisistas inalcançáveis.

Este narcisismo talvez possa ser compreendido como uma forma compensatória à sua conhecida feiura. Em Strathern (1998 : 30) Sócrates é descrito como um dos homens mais feios de Atenas. “Tinha pernas finas e tortas, era barrigudo, de ombros e pescoço hirsutos e careca. Era famoso também pelo nariz grande, curto e achatado, os olhos saltados e os lábios protuberantes”. É de se considerar que tamanha feiura fosse motivo de desconforto entre gregos, que cultuavam a beleza física.

Como lidaria Sócrates com seu corpo? Precisaria se sobressair por outras vias tal como a intelectual?

Em Fédon, Platão faz um relato de como Sócrates encara de modo dissociado a questão da vida, dividindo-a em corpo e alma, na qual há uma idealização da alma em detrimento do corpo.

“Sócrates: E é este então o pensamento que nos guia : durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos!” (Platão, 1972 : 73). Parece não haver em Sócrates uma consideração egóica pelo corpo, nem há maior interesse psíquico em preservá-lo.

“Sócrates: Vede pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas... ...por esse intrujão que nos ensurdece, tonteia e desorganiza, ao ponto de tornar-nos incapazes de conhecer a verdade.” (Platão, 1972 : 74).

Outra manifestação do Ego Ideal, instância superegóica em oposição às demandas egóicas, é o fato de que Sócrates estivesse permanentemente sem dinheiro, uma vez que se recusasse a trabalhar de modo a dedicar todo seu tempo à missão que lhe foi confiada por Deus: demonstrar ao povo o tamanho de sua

ignorância. Entendendo que sua missão é divina, parece dotar-se de um valor sobre-humano, uma missão narcísica, que faz com que abandone a manutenção da vida diária, deixando de lado suas necessidades e as de sua família em prol de um projeto divino, o que seria mais uma das demonstrações de seus ideais superegóticos.

Por volta dos 70 anos de idade, Sócrates é acusado de heresia e corrupção de jovens e é preso. É julgado e condenado à morte. De acordo com Strathern (1998) durante o julgamento Sócrates parece não levar a sério o veredito, considerando jocosamente a proposta de ser penalizado com uma multa que equivaleria a quantia necessária para comprar uma jarra de vinho. Os tribunais irritam-se cada vez mais, terminando por condená-lo à morte.

Novamente cabe nosso questionamento, o que desejaria Sócrates? Estaria sendo movido pela crença de que o tribunal reconheceria seu valor e o absolveria, ou desejaria realmente morrer?

No primeiro caso ter-se-ia uma manifestação egóica na medida em que o filósofo confiaria na razão e acreditaria em sua absolvição e sobrevivência; no segundo, seria movido pela rigidez superegótica.

Levado à prisão para aguardar a execução com cicuta, Sócrates se mantém sábio e admirável, de acordo com a descrição dos que estiveram com ele. É na prisão que dois discípulos, Símmias tenta desempenhar uma análise de cunho egóico, através de reflexões valorizando a vida e questionando a imortalidade da alma.

“Símmias: É que, para mim, uma harmonia e uma lira com suas cordas podem dar lugar a esta mesma argumentação: a harmonia, dir-se-ia então, é uma coisa invisível, incorpórea, absolutamente bela, divina, enfim, quando a lira é dedilhada, ao passo que a própria lira e suas cordas são coisas corporiformes, compostas, terrenas, aparentadas com a natureza mortal. Suponhamos, pois, que

alguém quebre a lira, que se lhe cortem ou rebentem as cordas; e depois que se sustente, com uma argumentação idêntica à tua, que a harmonia de que falamos existe necessariamente e que não foi destruída. De que modo compreender que subsistam, tanto a lira, depois que suas cordas se partiram, como as próprias cordas, que são de natureza mortal, e a harmonia – a harmonia que é da mesma natureza e da mesma família que o divino e o imortal, destruída mesmo antes do que é mortal?” (Platão, 1972 : 97).

Sócrates parece por um instante ter se deixado levar pelo vértice de compreensão egóico. “Sócrates teve aquele olhar penetrante que, em muitas circunstâncias, lhe era habitual, e sorriu: - Há alguma verdade, palavra!, no que Símias acaba de dizer! Com efeito, se há dentre vós alguém que esteja menos aturdido do que eu por suas palavras, por que não lhe responde? Pois é um temível golpe que ele parece ter desfechado contra minhas provas!”(Platão, 1972 : 98).

Crítón, outro dos discípulos, oferece a Sócrates um plano de fuga, ou como interpreta-se aqui, uma possibilidade de resposta egóica, de sobrevida; e novamente, Sócrates rejeita-a, uma vez que acreditasse inabalavelmente na lei, mesmo quando esta estivesse errada, fazendo uma escolha superegóica rígida e favorecendo portanto o próprio aniquilamento.

E assim, momentos antes de ingerir a Cicuta, Sócrates comenta com os amigos: “Chegou a hora de seguirmos caminhos diferentes: eu, o da morte; vocês o da vida. Qual deles é o melhor somente Deus sabe.” (Strathern, 1998 : 49). Mas sua crença na alma idealizadamente imortal faz vencer o vértice de compreensão superegóico que coloca o ideal de verdade, acima da vida e Sócrates toma cicuta e morre. Torna-se um herói e seu ato de coragem frente a morte o ajudou a preservar e imortalizar suas idéias. Ele foi coerente com a verdade que acreditava, mas sacrificou sua vida e privou a sociedade de maiores contribuições.

Com sua derradeira frase Sócrates presta uma grande serviço as autoras deste trabalho, no que se refere a sintetizar as preocupações manifestas aqui. Teria Sócrates, ao longo de toda sua vida, feito uma escolha superegóica e buscado condenação e morte? Com essa condenação teria marcado suas pegadas na História da Filosofia? Em outras palavras, fala-se hoje de Sócrates justamente porque o mesmo se deixou abater, ou melhor dizendo, optou pela morte, buscando com isso a imortalidade? Uma imortalidade que, neste caso, apenas o superego foi capaz de dar.

Galileu.

Obedecendo a seqüência histórica, Galileu é o segundo personagem a ser descrito nesse trabalho. A referência tomada para a análise do personagem foi a peça teatral de Bertold Brecht, “A vida de Galileu”, escrita em 1938 –1939.

Galileu Galilei, professor de matemática em Pádua, viveu em meados de 1600 e queria demonstrar o novo sistema copernicano do universo. Vivia com uma governanta, o filho desta, Andrea e sua filha, Virgínia, que considerava pouco inteligente e que, portanto, precisaria de um bom dote.

É descrito como uma pessoa dedicada aos estudos e que dava muito valor à vida: “Galileu: ... Começou um novo tempo em que viver será um prazer.” (Brecht, 1991 : 60).

Por este trecho percebe-se a presença de uma desenvolvida função egóica que alia-se ao impulso de vida para formar um homem persistente, determinado, com um intelecto extremamente desenvolvido, mas que inclui, ama e respeita os desejos de seu corpo, não privilegia apenas o racional. Percebe-se uma integração entre um corpo satisfeito, possibilitando uma mente criativa e produtiva.

“Galileu: ... Pensar é um dos maiores prazeres da raça humana.” (Brecht, 1991 : 81).

A todo instante Galileu nos lembra que seu desejo é saber, aprender e que trabalhar com alunos “pouco brilhantes” lhe toma tempo precioso desta tarefa. Galileu parece pouco narcísico e pouco preso aos mandamentos de um super-superego, ao contrário, ao longo de sua vida ressalta o gosto pela boa comida e pelo bom vinho – escolhas do ego e do id e segue pedindo bons salários para poder se sustentar dignamente. “... Depois, eu gosto de comprar livros, e não só livros de física, e gosto de comida decente. Quando como bem é que me vêm as melhores idéias...” (Brecht, 1991 : 77).

Ao longo de sua vida, nota-se que Galileu é um homem corajoso, como mostra o episódio no qual nem a peste o intimida a prosseguir em suas pesquisas, permanecendo em Florença e enfrentando os riscos da doença e da morte por amor à ciência. Este fato mostra que ao se defrontar com uma situação adversa em relação a qual acreditava poder superar Galileu parece confiar em seu impulso de vida.

“Galileu: - Você está maluca. Ficar na cidade para cozinhar!... segura nas mãos os seus mapas. A senhora Dona Sarti, não pense que estou doido. Eu não posso abandonar estas observações. Tenho inimigos poderosos e preciso acumular provas para certas afirmações...” (Brecht, 1991 : 99).

Em 1616 e durante 8 anos:

“A verdade escondida.

Os dedos em figa.

Mentiu, calou, mas depois falou.

Verdade, prossiga.” (Brecht, 1991 : 123).

Com a ascensão de um novo Papa cientista, Galileu retoma suas pesquisas. “Galileu: ... Quem não sabe a verdade é estúpido, e só. Mas quem sabe e diz que é mentira, é criminoso...” (Brecht, 1991 : 124).

Esta frase demonstra que Galileu tinha plena consciência do valor de suas descobertas e da verdade que elas representavam, e que possuía um superego presente que lhe dava seguras dimensões sobre a moral e a ética.

A maior prova de sua opção egóica reside na ocasião do julgamento pela Inquisição em 1633. Galileu é incitado a abjurar de suas descobertas sobre a teoria Geocêntrica, considerada herética, sob ameaça de tortura. Viveu momentos de terríveis conflitos e acusações por parte de seus próprios discípulos:

“Andrea: Mas agora o senhor não pode mais se dar ao luxo de ficar quieto.”

“Galileu: Eu também não posso me dar ao luxo de ser assado no fogo como um presunto.” (Brecht, 1991 : 127).

Essa afirmação é acima de tudo egóica, de um ego que busca cumprir sua função primeira de acordo com a descrição de Freud em *Esboço de Psicanálise* (1998 : 12): “São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação.”

“Galileu: Não tenho paciência com almas covardes, que depois falam de fraqueza. Sustento que o prazer é uma prova de capacidade.” (Brecht, 1991 : 131).

Os discípulos seus amigos e admiradores querem que ele não abjure, por amor à verdade enfrente a morte. Os inquisidores querem afirmar o poder da Igreja, pensam que sairão vencedores qualquer que seja a decisão de Galileu. Se ele não abjurar, morre e serve de exemplo para quem ousa pensar sobre a verdade. Se abjurar fica desmoralizado e desmoraliza também o trabalho científico, desestimulando os novos estudos.

Sua filha reza para que ele abjure e sobreviva, e ela continue tendo um pai.

Seus discípulos, por momentos, pensam que ele não abjurou e dizem do mais alto orgulho superegóico: “Andrea: Eles estão decapitando a verdade.”

(Brecht, 1991 : 152). Como se a verdade tivesse um pescoço a ser decapitado. Tem-se aqui a distorção de um superego extremamente cruel que despreza o corpo e a vida de um homem por um valor acima da corporeidade.

Ao saberem da abjuração os discípulos expressam novamente o superego: “Infeliz da terra que não tem heróis” E Andrea para Galileu: “Esponja de vinho! Comedor de lesmas. Salvou sua pele bem-amada?!!” (Brecht, 1991 : 153).

A capacidade egóica de Galileu é impressionantemente forte, pois ele é rodeado por um mundo externo altamente superegóico, tanto seus inimigos quanto seus amigos são cruéis, exigentes, intolerantes e ameaçam sua vida. Através de uma integração psíquica, ao nosso ver, muito sadia, Galileu cumpre sua função primeira de amar e respeitar sua vida, não caindo no que, à primeira vista, seria o idealizadamente esperado dele, um ato de heroísmo, ao qual ele responde: “Infeliz da terra que precisa de heróis” (Brecht, 1991 : 154).

Ao escolher a vida, Galileu garantiu a sobrevivência de seus estudos, uma vez que produzia escondido um manuscrito sobre as bases da Nova Física.

Uma ética mais egóica e menos superegóica, ou de um superego menos cruel e idealista, esta parece a mensagem de Galileu, captada e transcrita por Brecht.

John Proctor (As Bruxas de Salem).

O terceiro personagem analisado é John Proctor, protagonista da Peça “As Bruxas de Salem de Arthur Miller (1997). Não obstante utilize-se aqui uma narrativa cinematográfica, cabe lembrar que os episódios que ocorreram em meados de 1700, em Salem, Massachussets, EUA, são verídicos e que houve um John Proctor que foi acusado de bruxaria.

Os episódios de Salem tiveram início quando aproximadamente 14 meninas guiadas por um escrava negra chamada Tituba, realizam na floresta uma

dança ritual, com sacrifício de aves para conquistar o amor de seus namorados. Entre elas estão Abigail Williams e sua prima Betty Parris, de 10 anos.

Dançam, gritam e depositam oferendas num caldeirão, ervas, feijões, um sapo e Abigail oferece o galo que criou. Quando Abigail está bebendo sangue do galo e as meninas estão dançando nuas, o reverendo Parris, pai de Betty, aparece na floresta.

Abigail sugere que Betty fuja, porém a mesma responde que não consegue se mexer.

No dia seguinte Betty não consegue se mover da cama, mesmo quando tentam levá-la. Diante dos sintomas de Betty começam as suspeitas de bruxaria, lideradas por Abigail e as outras meninas.

Segue-se um festival de acusações, em que a violência e a mentira parecem caminhar próximas. Bolas, (1998 : 134), fazendo a análise desta peça, destaca o papel da “violência inocente”. “Miller faz Abigail responder [inocentemente]: Um vestido? – forçando Parris a repetir sua percepção” [É muito difícil dizer] Sim, um vestido. Eu pensei que vi uma pessoa nua correndo no meio das árvores!” Abigail protesta com veemência, [com horror]. Ninguém estava nu! Você enganou-se, tio! Por mais que Parris confirmasse o que viu, era ainda mais violenta a inocência de Abigail.

Essa violência evolui, tomando conta da aldeia onde todos se conhecem. Na sequência de acusações feitas por Abigail está Elizabeth, mulher de Proctor, este, ao tomar conhecimento do teor das acusações, recorre ao tribunal buscando defender sua mulher.

Pesa sobre Proctor a culpa pelo adultério cometido com Abigail, quando a mesma morava e trabalhava com os Proctor, enquanto Elizabeth esteve doente.

Durante o julgamento, Proctor recusa assumir o adultério, o que enfurece ainda mais Abigail, no entanto, Proctor cai em contradição com sua esposa, que havia confirmado a relação adúltera.

Esta recusa de Proctor aumenta a confusão de sentimentos e a impotência de Abigail, incrementando suas acusações acerca de que os mais velhos agem conforme Satã. Frente a fortes acusações Proctor é condenado à morte por enforcamento, caso não admita o fato de ter envolvimento com bruxaria.

Há um forte conflito entre o Ego e o Superego de Proctor, de um lado considera o amor pela mulher e pelos filhos e o prazer de continuar vivendo com eles, e de outro o intenso sentimento de culpa pela relação com Abigail e por ter que afirmar convicções que não tem.

De um lado, Elizabeth representa seu ego quando diz:

“Elizabeth: De nada adianta eu lhe perdoar, John... Se você não se perdoar. Não é a minha alma John, é a sua. Só esteja certo de que... o que quer que você faça, é um homem bom que o está fazendo. Eu tenho os meus próprios pecados – é preciso que haja uma esposa fria para que aconteça a luxúria (Miller, 1997 : 105).

Proctor chega a assinar a confissão que salvaria sua vida, mas rasga-a em seguida.

“Proctor: Porque esse é o meu nome! Porque não posso ter outro em minha vida! Porque estaria mentindo e assinando mentiras. Porque não valho a poeira dos pés daqueles que mandou enforcar! Eu já dei a minha alma ao Senhor, deixe-me ficar com meu nome!” (Miller, 1997 : 108).

Em sua escolha prevaleceu um superego cruel e destrutivo, incapaz de permitir que Proctor percebesse que, se mantivesse sua vida poderia lutar por sua honra, revertendo as acusações e mostrando a falsidade e fragilidade do julgamento e da própria comunidade.

Caso Clínico.

Trata-se de um paciente, jovem que em uma sessão mostra-se profundamente indignado com a postura de sua ex-namorada, que estava se casando, após um recente rompimento de namoro com ele.

Sua ira era dirigida a ela e ao seu terapeuta. Segundo ele, a ex-namorada não estava sendo ética, pois estava se casando apenas para ter um filho já que se encontrava em uma idade limite para ser mãe.

A moça queria ter se casado com ele, mas como ele não se sentia preparado para o casamento e a paternidade, rompeu o namoro. Ela, por sua vez, logo em seguida, casa-se e engravida.

A indignação com o terapeuta da moça é devida ao fato de que ele não a levou a pensar de modo moral e ético. Como ela poderia estar se casando e engravidando de um homem que, segundo ele, ela não amava, uma vez que há pouco tempo dizia amá-lo?

Da perspectiva de um amor romântico e idealizado, seu ponto de vista parecia coerente e lógico e ele convidava sua terapeuta a um conluio em que sua ex-namorada e o terapeuta dela deveriam ser queimados na fogueira deste superego rígido.

Neste momento todo o trabalho terapêutico foi no sentido de ampliar a percepção do paciente, mostrando-lhe um outro vértice menos superegórico e idealizado e mais egóico e real.

Mostrou-se que ele havia feito a opção de não permanecer ao lado da moça, o que, da parte dele, fora uma decisão egóica, uma vez que sentia que não a amava o suficiente para ser seu marido e pai de seu filho. Se escolhesse permanecer ao lado dela, teria tido uma decisão superegórica, já que em sua decisão pesaria mais o prestígio e a ascensão social e moral que a profissão da namorada oferecia.

Uma vez que ele não estava mais com ela, qual seria seu direito de julgar as escolhas que ela fazia?

O que parece ter-lhe irritado profundamente é que ela também fez uma opção egóica, isto é, casou-se e engravidou, procurando preservar a espécie, uma das funções do ego. Neste aspecto entra o ódio pelo terapeuta dela, que não funcionou como ele achava que deveria, isto é, como um superego rígido que a influenciasse a tomar uma decisão também superegógica.

Após compreender seus movimentos extremamente exigentes, críticos e cruéis frente a situação, o paciente se acalma e diz: “É, olhando deste modo, realmente não tenho razão de julgar as decisões dela.”

Em seguida tem uma postura de alívio e passa a ocupar-se com outros temas.

Foi deste modo que pode-se perceber que uma reflexão que leve o paciente a expandir seu pensamento conforme propõe Bion, proporciona uma mudança de vértice, em que a verdade preestabelecida pela moral e a ética tradicionais dá lugar a uma compreensão mais humana dos conflitos, aliviando o paciente das pressões exageradas do superego e fortalecendo o ego.

A Busca da verdade e a mudança catastrófica.

Teoricamente a busca da verdade ideal é uma função superegógica, mas a conservação dos valores e verdades já existentes também. A partir desta perspectiva pode-se ampliar a compreensão do porque Galileu foi condenado tanto por seus amigos, quanto por seus inimigos, os inquisidores representavam a moral e a ordem solidificada e dogmatizada. Já os amigos, a verdade idealizada, mas os dois grupos eram representantes de um “superego” que não permite mudança no vértice de percepção das verdades, que não tolera mudanças e resiste às inovações.

Rezende (1994 : 117-118) refere-se várias vezes à experiência de Galileu, descrevendo-a do seguinte modo: “Galileu estava observando os astros. A seu lado, os cientistas defendiam uma certa teoria a respeito do universo... ..Voltando-se, pois, para os cientistas convidou-os a que também eles “olhassem”... mas eles não olhavam, não queriam olhar, porque, se olhassem, e vissem, todo um mundo viria abaixo. E eles teriam que passar de um universo simbólico para outro... catastróficamente.”

Rezende discute a função da verdade e diz que na arrogância, a verdade não é amada como tal, mas é a manifestação do impulso de morte. Quando se busca a verdade a qualquer preço, mesmo que seja com a morte, caso dos personagens estudados, há uma inversão da “função de verdade”.

Andrade (1998) ao escrever sobre a violência da mentira, procura examinar a questão da violência interna e suas conseqüências pelo vértice da mentira, que empobrece e aprisiona, no caso de Galileu houve uma abjuração da verdade, não como um fortalecimento da mentira, mas como uma estratégia egóica de preservação da vida e da verdade.

“Andrea: E se depois, em 33, o senhor achou preferível abjurar um aspecto popular de suas doutrinas, eu deveria compreender que o senhor fugia meramente a uma briga política sem chances, mas fugia para avançar o trabalho verdadeiro da ciência. Se o Senhor acabasse em chamas na fogueira, os outros é que teriam vencido.” (Brecht, 1991 : 163).

Andrade (1998) coloca que a violência do ódio à verdade enfraquece, é uma doença do homem e da humanidade. Para esta autora, embasada nas idéias de Bion, a busca do conhecimento é própria do ser humano e o sentido de verdade emerge das diferentes combinações de vivências emocionais, de diferentes sentimentos em relação ao mesmo objeto, “Se instalo meu poder apoiado numa verdade inabalável, minha postura é arrogante, onipotente e representa um ataque

à curiosidade e à própria natureza humana, já que crescer, mudar, expandir é o instinto de vida. Chegar à verdade possível a cada passo é diferente da posse da verdade.” (Andrade, 1998 : 926).

Considerações Finais.

A postura analítica deve possibilitar que a atenção do analista capte o vértice de compreensão em que está o paciente, mas esta captação não necessariamente significa uma “aprovação” ou “partilha com o mesmo”.

Segundo Andrade (1998) o analista deve estar atento para apreender como se instalam as mentiras, as falsidades ou as falsificações da verdade. Segundo a autora, deve-se ajudar o paciente a reconhecer seus distúrbios nos processos de seu pensamento, isto não significa desejo de mudar o paciente, nem o desejo de gratificá-lo.

A presença de mentiras, falsidades e falsificações e a rigidez de um superego cruel norteou as histórias dos personagens analisados aqui: Sócrates, Galileu e Proctor. Com a diferença que no episódio de Galileu seu próprio superego não era tão cruel e a idealização dos valores, da sociedade e de si mesmo era mais adequada à sua condição humana, demonstrando um ego mais fortalecido para desempenhar suas funções de preservação, respeito e crescimento em suas condições de vida.

No caso de Galileu este lado idealizado foi representado por seus discípulos e nos exemplos de Sócrates e Proctor estavam dentro deles mesmos, o que enfraquecia-lhes as condições egóicas para lutar no sentido da adaptação e da preservação da vida e da verdade.

Depois de mortos eles não puderam mais lutar realisticamente pela verdade, enquanto que Galileu contribuiu ainda muito para o progresso da ciência.

Não só em personagens históricos encontramos a presença ou a influência de um superego sádico e cruel, capaz de levar à morte, na prática clínica este vértice superegórico contribui para as somatizações e incremento da psicose.

Esta reflexão feita tem o objetivo não de julgar ou emitir qualquer parecer sobre as decisões dos personagens estudados, mas o de alertar para a importância da análise do vértice escolhido em uma situação ou decisão. Espera-se que com estas considerações e o exemplo clínico apresentado, o terapeuta possa ampliar suas percepções e não reproduzir e compactuar com decisões falsas sobre a verdade do paciente, levando-o a ampliar seu universo de reflexão a fim de que suas escolhas considerem primeiramente as necessidades egóicas de preservação e respeito pela vida física e mental.

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, S.H. (1998) A violência da mentira. Revista Brasileira de Psicanálise; 32 (4) : 921–929.
- BOLLAS, C. (1998) Sendo um personagem. Rio de Janeiro, Revinter.
- BRECHT, B. Vida de Galileu. In Teatro Completo, v.6; 2ª ed. São Paulo; Paz e Terra.
- FREUD, S. (1998) Esboço de Psicanálise. Rio de Janeiro, Imago – Obras Completas.
- MILLER, A. (1997) As Bruxas de Salem. Rio de Janeiro, Ediouro.
- PLATÃO (1972) Diálogos. In Fédon. São Paulo, Abril Cultural. (Os Pensadores).
- REZENDE, A.M. (1994) A metapsicanálise de Bion – Além dos Modelos. Campinas; Papyrus.
- STRATHERN, P. (1998) Sócrates em 90 minutos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

ZIMERMAN, D.E. (1999) Fundamentos Psicanalíticos – Teoria, Técnica e Clínica. Porto Alegre, Artmed.

ZIMERMAN, D.E. (1995) Bion – Da teoria à prática. Porto Alegre, Artmed.

Contatos: Universidade Presbiteriana Mackenzie
Faculdade de Psicologia
Setor de Psicologia Aplicada
Rua Itambé, 145 – Prédio 14 -1º andar
Higienópolis – São Paulo – SP
CEP: 01239-902
E-mail: psicoaplic@mackenzie.br